

| BOLSAS             | BOVESPA  | C-BOND  | DÓLAR                                  | EURO                    | OURO                                      | CDB                             | INFLAÇÃO  |
|--------------------|--|---|--|-------------------------|---|---------------------------------|---|
| Na sexta (em %)    | Índice da Bolsa de Valores de São Paulo nos últimos dias (em pontos) | Título da dívida externa brasileira, na sexta (em US\$) | Comercial, venda, sexta-feira (em R\$) | Turismo, venda (em R\$) | Onça troy na Comex de Nova York (em US\$) | Prefeção, 31 dias (em % ao ano) | IPCA do IBGE (em %)   |
| -0,38<br>São Paulo | 14.143   | 0,90<br>(▲ 0,70%)                                       | 2,986<br>(▼ 0,63%)                     | 3,311<br>(▼ 1,05%)      | 362,70<br>(▲ 0,64%)                       | 21,36                           | Março/2003 1,23<br>Abril/2003 0,97<br>Maio/2003 0,61<br>Junho/2003 -0,15<br>Julho/2003 0,20 |

Economia Brasil

## POLÍTICA ECONÔMICA

Depois de baixar a inflação e iniciar redução da taxa de juros com o objetivo de favorecer a retomada do desenvolvimento, governo terá que controlar cotação da moeda americana para evitar um repique de preços

## Dólar, o novo desafio

VICENTE NUNES

ENVIADO ESPECIAL

**C**ampos do Jordão (SP) — A redução nas taxas de juros e o bom-humor dos investidores não livraram o Brasil das incertezas que travaram a retomada do crescimento nos últimos nove anos. Há, segundo o economista Eduardo Giannetti da Fonseca, professor do Ibmec Business School, uma série de variáveis que vão exigir esforço redobrado do governo para não pôr a perder as conquistas dos últimos oito meses, no controle da inflação e do resgate da estabilidade econômica.

Na sua avaliação, a grande variável dos próximos meses será a taxa de câmbio. “Chegamos a uma situação em que os preços do dólar, depois de uma forte subida, não mais recuarão de forma tranqüila, como se viu. Cada vez mais, a elevação do dólar será repassada para os preços, dificultando a política de redução dos juros”, disse Giannetti, durante palestra sobre o “Brasil no Cenário Internacional”, no primeiro Congresso Internacional de Derivativos e Mercado Financeiro, promovido pela Bolsa de Mercadorias e de Futuros (BM&F).

São muitas as justificativas de Giannetti para sustentar as incertezas sobre o futuro e o peso que a política cambial terá. A primeira é o expressivo vencimento de dívida externa no ano que vem: US\$ 31 bilhões, 10% a mais que o previsto para 2003. “Infelizmente, vamos continuar dependendo do humor dos nossos financiadores externos, uma posição nada favorável”, assinalou.

## Vulnerável

Ele destacou ainda como problema estrutural a grande concentração no mercado de câmbio. “Além de muito concentrado, o volume de operações é baixo, tornando o mercado um terreno fértil para a especulação”, frisou. Para piorar, há uma forte desconfiança dos investidores em relação ao real, o que leva o governo a manter a taxa real de juros num patamar muito elevado. “Essa desconfiança se reflete, sobretudo, no tamanho da dívida pública do país.”

Com esse discurso, Giannetti mostrou-se como uma voz dissonante entre a grande maioria dos economistas do mercado financeiro. Para eles, depois do corte de 2,5 ponto percentual na taxa básica na quarta-feira, é possível o país fechar o próximo ano com crescimento de até 4%. “A estrada a percorrer é longa”, destacou.

LC Leite/AE 28.10.98



EUFORIA NA BOLSA DE VALORES DE SÃO PAULO: RETORNO DO DINHEIRO ESTRANGEIRO PROVOCOU AUMENTO DE 5% NO VALOR DAS AÇÕES NESTA SEMANA

“Sem resgatar a confiança na moeda, sem uma previsibilidade na taxa de câmbio e sem estímulos para os investimentos de longo prazo, dificilmente teremos o desenvolvimento sustentado. Continuaremos tendo suspiros de crescimento”, assinalou.

O economista Márcio Garcia, professor da Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ), foi além. A seu ver, para diminuir suas vulnerabilidades, o Brasil tem de ampliar o volume de comércio externo. “Não estamos falando de megas superávits, mas de participação maior nas negociações, comerciais e financeiras”, afirmou. Outra ressalva importante feita por Garcia foi a urgente necessidade de investimentos, nacionais e estrangeiros, para viabilizar as condições de aumento da

produção e das exportações. “O Brasil precisa crescer sem correr o risco da volta da inflação”, disse. Algo que pode favorecer o Brasil é a volta de investidores estrangeiros à Bolsa de Valores de São Paulo, pois mais dólares entram no país (leia mais no texto ao lado).

Segundo o diretor de Política Monetária do Banco Central, Luiz Augusto Candiota, o governo não está medindo esforços para colocar o país na rota do crescimento sustentado. Ele destacou que, na área externa, o BC vem adotando medidas para reduzir as amarras que dificultam os fluxos de capitais. No lado comercial, além da desburocratização e da maior promoção dos produtos brasileiros no exterior, ele disse que o governo elegeu como prioridade número um os investimentos em

infra-estrutura. “Sem a melhoria da infra-estrutura, o comércio internacional brasileiro não tem como crescer”, emendou.

## Obras

Candiota reconheceu que o governo não dispõe de recursos suficientes para tocar todas as obras necessárias e que será difícil atrair investimentos privados sem regras claras para os empreendimentos. “Estamos não apenas lançando as parcerias com a iniciativa privada, como definindo todo um marco regulatório consistente”, assinalou. Pelas contas do diretor do BC, ainda que os investidores externos tenham se afastado do Brasil nos primeiros seis meses do ano, o BC mantém a previsão de investimentos estran-

geiros diretos para o país de US\$ 10 bilhões.

Ao ser indagado sobre como o Brasil enfrentará China, Índia, Rússia e outros países na atração de investimentos, o economista José Alexandre Scheinkman, da Universidade de Princeton, foi taxativo: o país só terá escapatória se investir pesado na educação, ciência e tecnologia.

Pelas suas contas, enquanto o país destina apenas 0,8% do Produto Interno Bruto (PIB) por ano a pesquisas, a Coreia do Sul aplica 2,7%. O Brasil registrou 0,72 patentes por um milhão de habitantes. No México, essa relação é de 1,00 e, em Cingapura, de 48,4. “O Brasil está muito atrás em avanços tecnológicos mesmo quando comparada a países emergentes”, concluiu.

## Estrangeiros retornam

Os investidores estrangeiros estão colocando mais dinheiro no mercado brasileiro após a decisão do Copom (Comitê de Política Monetária) de reduzir a taxa básica de juros (Selic) de 24,5% ao ano para 22%, na última quarta-feira. A entrada de recursos externos — dinheiro volátil, visando lucros de curtíssimo prazo — ajuda a irrigar o mercado, contribuindo para uma queda na cotação do dólar.

O corte na Selic surpreendeu as instituições e detonou uma onda de otimismo na Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa). Com os juros menores, os economistas tendem a melhorar suas previsões de lucros para as empresas que possuem ações na Bolsa. A queda do custo do dinheiro favorece a tomada de empréstimos, o consumo e o investimento na produção. “Há dinheiro novo, de estrangeiro, entrando na Bovespa”.

## Ganhos

Isso explica o oba-oba para a Bolsa ter subido 11 pregões consecutivos e caído só um pouco ontem. Os recursos dos investidores domésticos, isolados, não sustentariam esse movimento”, afirmou o gestor de renda variável da corretora Concórdia, Maurício Gallego. O IBovespa, principal índice da Bolsa, caiu 0,3% ontem, mas acumulou ganhos de 5,2% na semana, porque os investidores estrangeiros reforçaram suas compras de ações de empresas brasileiras.

Com isso, na quarta e quinta, a Bolsa chegou a negociar mais de R\$ 1 bilhão durante o pregão, o dobro da média diária do mês passado. Ontem, o giro também foi maior: R\$ 744,5 milhões. Com o rali dos últimos dias, a Bovespa passou a liderar um ranking de rentabilidade entre Bolsas de nove países, incluindo Estados Unidos, México e Espanha, segundo a consultoria Econômica.

## Faltam investimentos

**Campos do Jordão** — Ao encerrar ontem o primeiro Congresso Internacional de Derivativos e Mercado Financeiro, o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles reconheceu que ainda são muitas as limitações para a retomada do desenvolvimento econômico. Ele assinalou que não há como o país crescer a taxas expressivas nos próximos anos, se não houver investimentos em vários setores da economia. Sem

esses investimentos, o Brasil cairá na mesma vala do apagão de 2001, por falta de infra-estrutura, sobretudo energia elétrica. “Um dos grandes desafios do processo de desenvolvimento é a necessidade de ultrapassar entraves e gargalos que impedem a expansão sustentada da capacidade produtiva da economia”, disse.

Apesar das pressões do setor produtivo e de boa parte da base aliada do governo, o Banco

Central manterá o gradualismo no processo de redução das taxas de juros. Segundo Meirelles, não há obrigatoriedade de o Comitê de Política Monetária (Copom) repetir nas futuras reuniões a ousadia que resultou no corte de 2,5 pontos percentuais na taxa Selic na última quarta-feira. “O BC sempre faz o melhor uso possível de todos os dados e informações disponíveis no momento de cada reunião”, ressaltou. (VN)

## GM REDUZ JUROS

A General Motors (GM) baixou as taxas de juros para o financiamento dos veículos da marca de 2,25% a 2,55% para 2,15% a 2,53%. As novas taxas entram em vigor hoje para os planos de financiamento com prazos de 6 a 48 meses. A GM foi a primeira montadora a reduzir taxas para o financiamento de automóveis após a redução da Selic, anunciada quarta-feira pelo Comitê de Política Monetária do Banco Central.